

## ***O Ponto G Existe? A Recontextualização do Discurso sobre Ciência na Superinteressante***<sup>1</sup>

### ***Does the G Spot Exist? The Recontextualization of Discourse about Science in Superinteressante Magazine***

Carlos Alexandre Molina Noccioli<sup>2</sup>

Cristiane Cataldi dos Santos Paes<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este trabalho busca analisar o tratamento linguístico-discursivo das informações acerca de um tópico temático tradicionalmente visto como tabu, relacionado a questões sexuais, na notícia *O ponto G existe?*, publicada em 2008, na revista brasileira *Superinteressante*, destacando-se como o conhecimento em questão é representado socialmente ao se considerar a linha editorial da revista. A notícia caracteriza-se como um campo fértil para a análise das estratégias divulgativas, já que atrai, inclusive pelas escolhas temáticas, a curiosidade dos leitores. Imbuído de um tema excêntrico, o texto consegue angariar um público jovem interessado em discussões polêmicas relacionadas ao seu universo.

---

<sup>1</sup> A notícia escolhida constitui o *corpus* da dissertação de mestrado “Análise das estratégias linguístico-discursivas na divulgação de temas tabu na Revista *Superinteressante*” (2010), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. A análise exposta neste artigo integra o trabalho defendido por mim, sob a orientação da professora Cristiane Cataldi dos Santos Paes, como uma das exigências para a obtenção do título de *Magister Scientiae* pela instituição.

<sup>2</sup> Mestre em Letras – Estudos Discursivos, pela Universidade Federal de Viçosa e professor de Comunicação do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas. E-mail: carlos.noccioli@ufv.br.

<sup>3</sup> Professora Adjunta IV do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: cristiane.cataldi@ufv.br.

**PALAVRAS-CHAVE:** Divulgação Científica; Representações Sociais; tabu; *Superinteressante*.

## 1 Introdução

Buscando-se uma análise em torno do tratamento linguístico-discursivo de informações sobre temas considerados tabu referentes a questões sexuais que representam o homem e a mulher em nossa sociedade contemporânea ocidental, elegemos a notícia intitulada *O ponto G existe?*, escrita pela jornalista Juan Torres e constante da seção *Saúde* da revista *Superinteressante*, a fim de verificarmos como o processo de recontextualização do discurso sobre ciência ocorre na mídia impressa brasileira.

Ao selecionarmos a notícia em questão, tivemos como foco as publicações decorrentes do ano de 2008 na revista *Superinteressante*, que abordassem uma temática considerada tabu acerca de aspectos relacionados à sexualidade. Identificamos e analisamos, a partir disso, as estratégias linguístico-discursivas que caracterizam o processo de recontextualização do discurso científico em discurso geral, ou seja, a reflexão realizada neste artigo gira em torno da transposição do discurso da esfera técnica para a esfera do público leigo.

O tópico de trabalho compreende o arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso da Divulgação Científica, associado à Teoria das Representações Sociais como forma de estudo das representações sobre temas considerados tabu na mídia impressa brasileira. A intenção seria oferecer uma contribuição à Linguística, especificamente à Análise do Discurso, no tocante ao processo da divulgação científica, realizado, muitas vezes, por mídias cuja missão é o recrutamento

de certas estratégias para que as informações específicas do campo científico atinjam um interlocutor inscrito no quadro do “público geral<sup>4</sup>”.

Por essa razão, faz-se interessante analisar o tratamento linguístico-discursivo das informações de caráter científico na mídia impressa acerca de tópicos temáticos referentes a aspectos sexuais humanos, tradicionalmente vistos como tabu, uma vez que suscitam discussões polêmicas e, conseqüentemente, estratégias de reelaboração, em termos, não só de intercâmbio de registro, mas também de modalização e adaptação do discurso, a fim de que se pondere acerca dos impactos que poderiam causar uma informação de caráter interdito em determinadas convenções sociais.

Avaliaremos, em um primeiro momento, a caracterização geral da notícia, identificando sua temática e seu propósito comunicativo. Será realizada ainda uma análise linguístico-discursiva geral, ressaltando a estruturação global do texto, considerando sua composição, através do título, subtítulo, *lead*<sup>5</sup>, bem como o registro de linguagem utilizado, identificando os jogos de linguagem, as ambiguidades e as estratégias divulgativas mais amplas envolvidas na recontextualização, sem nos atermos a categorias específicas.

Em um segundo momento da análise, amparados pelos trabalhos de Ciapuscio (1997), Calsamiglia e Cassany (1997) e Cataldi (2003, 2007a e b e 2009), identificaremos os procedimentos discursivos – *expansão*, *variação* e *redução* – presentes no processo de divulgação do conhecimento científico na revista *Superinteressante*. Destacaremos, ainda, as estratégias divulgativas que compõem os procedimentos discursivos, como

---

<sup>4</sup> Usando a terminologia “geral” em oposição à concepção de “técnico”, “especialista”.

<sup>5</sup> Segundo Ribeiro (1994, p. 12), “o lead consiste na apresentação, no primeiro parágrafo da matéria, de uma síntese dos fatos”.

analogias, definições e denominações. À esteira desse destaque, consideraremos a relação estabelecida pelas estratégias divulgativas entre público leitor e o tema tabu divulgado.

Relacionando a essas estruturas e estratégias, destacaremos, com base nas obras de Moscovici (1973), Jodelet (2002) e Arruda (2003), as representações sociais acerca dos temas considerados tabu refletidas na revista *Superinteressante*.

## **2 Análise do Discurso da Divulgação Científica**

Ao considerar que a (inter)ação humana ocorre por meio da “palavra em movimento”, a Análise do Discurso oferece subsídios teóricos para o estudo de textos, quer sejam orais, quer sejam escritos, “como produto do uso linguístico em situações concretas, nas quais se objetiva uma interação entre os interlocutores a partir de uma intencionalidade” (CATALDI, 2009, p. 48).

Segundo Calsamiglia e Cassany (1999), a Análise do Discurso é um campo de estudo interdisciplinar, que tem sua base sustentada por outras teorias linguísticas calcadas na linguagem em uso. Dessa forma, é pertinente e relevante o uso de seu aporte teórico-metodológico para o estudo do discurso divulgativo. De acordo com Cataldi (2007a), “[a]inda que o discurso divulgativo utilize informações procedentes do discurso científico, o modo de elaboração deste novo discurso é específico, pois está determinado por concepções próprias de produção e de difusão” (CATALDI, 2007a, p. 158).

Tornar acessíveis ao público leigo conhecimentos de caráter técnico e científico é uma tarefa árdua em uma sociedade contemporânea cada vez mais bombardeada por informações. Desde a década de 1980, observa-se um maior interesse pela divulgação científica, tanto no cenário nacional quanto

internacional (CATALDI, 2009). Esse contexto acarreta, segundo Cataldi (2007a, p. 155), “a consideração da ciência como notícia”, ou seja, justamente por haver demanda pela (in)formação, a ciência passa a compor a pauta jornalística da mídia. Sendo os jornais e as revistas canais para o público em geral ter acesso às novidades do campo científico, Cataldi (2009, p. 44) considera esses veículos importantes fontes “de (in)formação sobre as implicações científicas e sociais do desenvolvimento tecnológico”.

### **3 O processo de recontextualização da informação sobre ciência**

A difusão da ciência, em suas diversas modalidades, sejam elas escritas ou orais, envolve procedimentos de transformação, ou ainda, de reformulação das informações previamente produzidas por cientistas. Assim, diz-se que a divulgação científica é uma prática reformulativa geral em relação a elementos puramente referenciais e informativos procedentes do texto fonte. Todavia, esse processo de reelaboração não se restringe a apenas esses aspectos, acionando ainda questões relativas à “emoção”.

Ciapuscio (1997) chama atenção para o fato de que algumas características retóricas e linguísticas são prototípicas do texto científico, como vocabulário unívoco<sup>6</sup> e preciso; referência escrita ao objeto e a tentativa de não utilização de marcas subjetivas; ausência de elementos emocionais; sintaxe simples; dentre outras.

---

<sup>6</sup> Utilizamos, consoante Ciapuscio (1997), o termo “unívoco” no sentido de uma terminologia que não abarque mais de um significado e, conseqüentemente, não gere ambigüidades.

Os textos jornalísticos de divulgação científica constituem, portanto, uma fonte de discurso público, constituídos por fatores contextuais atrelados à sua produção. Conforme Cataldi (2007a), mesmo que o discurso divulgativo tenha o discurso científico como fonte, o modo de elaboração desse novo discurso é específico, haja vista sua dependência às concepções próprias de sua produção e difusão.

Nessa linha de raciocínio, a autora ainda postula que o processo de recontextualização do conhecimento científico é caracterizado como uma “re-criação” desse tipo de conhecimento para cada público específico. Entretanto, Cataldi (*op. cit.*) chama a atenção para o fato de essa prática discursiva não ser simplesmente um resumo ou redução aleatória de dados científicos, mas sim uma habilidade em selecionar, reorganizar e reformular as informações de caráter técnico para leitores com interesses e objetivos diversos, no processo de compreensão dos fatos científicos. É, portanto, o texto divulgativo um tipo de discurso primário, baseado em textos secundários<sup>7</sup>, que vão se modificando dependendo da situação comunicativa. Isso gera a necessidade de “procedimentos, utilizados na mídia impressa a partir de um uso linguístico escrito”, variáveis, “segundo certos parâmetros contextuais, como a situação comunicativa, os propósitos de quem a realiza e as características dos destinatários” (CATALDI, 2009, p. 49).

Em termos de estrutura cognitiva do discurso de caráter científico, fica a cargo do divulgador a decisão acerca de qual *estratégia divulgativa* utilizar, consoante o propósito comunicativo: “O produtor pode utilizar procedimentos *léxico-semânticos* (sinonímia, paráfrase, definição, descrição, denominação, generalização etc.), *discursivos* (contextualização,

---

<sup>7</sup> Usamos as terminologias “discurso primário” e “texto secundário” conforme Ciapuscio (1997), para quem “texto secundário” representa o intertexto subjacente a um discurso ao qual temos acesso, ou seja, o “discurso primário”.

modalização etc.) e, ou, *cognitivos* (analogias, metáforas, metonímias etc.)” (Ibidem). No que tange a este último procedimento, o mais comum é que se usem em discursos de divulgação científica representações conceituais calcadas em analogias com o cotidiano.

Para tanto, a recontextualização das informações sobre ciência está diretamente relacionada com os procedimentos concretizados pelo uso linguístico-discursivo específico de *expansão*, *redução* e *variação* (CATALDI, 2003, 2007a e b e 2009). Esses procedimentos discursivos, na observância do interesse e da necessidade de informar um público amplo, heterogêneo e leigo, são recorrentes na mídia impressa, por meio de seu uso linguístico escrito. São recursos que variam conforme os parâmetros contextuais, tais como a situação comunicativa, os propósitos de quem produz o texto e as características de seu interlocutor.

### 3.1 Expansão

Cataldi (2007a, p. 161) destaca que, em discursos escritos, as condições de interação recíprocas não são imediatas, “o comunicador utiliza o procedimento de *expansão*, ou *inclusão*, com o objetivo de proporcionar os significados conceituais necessários para lograr a efetiva participação cognitiva e comunicativa do leitor”. Nesse sentido, a *expansão* constitui-se por meio de determinadas estratégias discursivas, como a substituição de um termo por outro, sem prejuízos semânticos; pela explicitação de algum conhecimento compartilhado pelos participantes; bem como pela apresentação de algum tipo de informação nova que contribui para que o leitor estabeleça relações de sua vida diária com o conhecimento científico. Ciapuscio (1997) afirma que as formas de *expansão* são diversas, dentre as quais se destaca a *definição*. Já a

*metáfora* seria um recurso do plano emotivo, contribuindo também para associações com objetos do mundo cotidiano.

### 3.2 Variação

A *variação* é um procedimento caracterizado a partir de certas estratégias discursivas de ordem lexical, semântica, ou mesmo de registro – entre termos e conceitos especializados e vocabulário corrente – ocorridas durante o processo de reformulação do texto científico para o texto de divulgação. Dentre outros aspectos linguístico-discursivos, destacam-se a seleção lexical e a modalidade enunciativa.

Na esteira do procedimento de *variação*, Cataldi (2003, 2007a e b) chama a atenção para a *variação denominativa*, utilizada como uma importante estratégia léxico-semântica. Essa estratégia está atrelada à utilização de um termo ou expressão alternativa para a informação técnica no momento de sua transposição para o texto divulgativo.

### 3.3 Redução

Ciapuscio (1997) afirma que, das fontes científicas, somente mantêm-se a informação nuclear, ou seja, o descobrimento científico em si ou o progresso realizado pelos cientistas, sendo o restante suprimido pelo divulgador – designadamente o referencial teórico, as descrições, os antecedentes e as discussões.

Destarte, segundo Cataldi (2003, 2007a), por falta de relevância, necessidade ou conveniência na versão divulgada, o jornalista pode, através de certas estratégias discursivas, tais como a condensação ou mesmo a eliminação completa, suprimir dada informação científica. Entretanto, a autora chama a atenção

para o fato de que os conceitos de relevância cognitiva e comunicativa são mantidos por serem considerados imprescindíveis para a compreensão do leitor. Essas estratégias implicam decisões em relação ao que efetivamente informa ao leitor, configurando um procedimento de *redução*.

Esses três procedimentos contribuem de forma imbricada em “diversas situações comunicativas referentes à divulgação da ciência ao grande público”, refletindo processos comunicativos que vão desde a seleção até a divulgação, caracterizada a partir do processo de recontextualização, procedimentos estes inerentes aos textos de divulgação científica (CATALDI, 2007a, p. 162-163).

Esses recursos linguístico-discursivos configuram-se como importante ferramenta no processo de recontextualização no que tange à divulgação da ciência. Nesse sentido, *expansão*, *redução* e *variação* são pilares importantes a serem esmiuçados em nossa análise, de modo a identificarmos sintomaticamente as estratégias que compõem o discurso divulgativo da revista *Superinteressante*.

Para tanto, com vistas à Análise do Discurso da Divulgação Científica, faz-se mister considerar o processo de reformulação como um *continuum*, em que não há fronteiras estanques entre esses três procedimentos linguístico-discursivos gerais, configurando a produção jornalística científica, a partir de estratégias comunicativas como a seleção, a organização e a recontextualização da informação sobre ciência.

#### **4 Teoria das Representações Sociais**

Arruda (2003) apresenta um panorama da Teoria das Representações Sociais sob a perspectiva psicossocial, promovendo um elo entre essa abordagem e as teorias feministas

de gênero. Sendo a psicologia social responsável pelo estudo acerca da relação entre indivíduo e sociedade, ao associar-se a isso uma preocupação cognitiva, poder-se-ia, com efeito, obter reflexões em torno (i) da construção do conhecimento pelo indivíduo, pelo grupo ou pelo ser social, a partir de aspectos, sobretudo, sociais e culturais, e em torno (ii) da maneira através da qual a sociedade conhece e constrói esse conhecimento com os indivíduos. Assim, a Teoria das Representações Sociais apresenta-se como eficiente aporte teórico no que diz respeito à análise de tabus, sobretudo os que se referem a universos sexuais masculino e feminino.

Dessa abordagem teórica, depreendemos de Arruda (2003, p. 128) uma preocupação em relação a “como interagem sujeitos e sociedade para construir a realidade, como terminam por construí-la numa estreita parceria – que, sem dúvida, passa pela comunicação”?

Quando se fala em “Representações Sociais”, faz-se obrigatória a referência à obra de Moscovici (1961), em que se inauguram discussões relativas a essa teoria, à luz dos preceitos científicos. A essa altura da constituição da teoria, Arruda (2003, p. 129) afirma que “a Teoria das Representações Sociais [...] operacionalizava um conceito para trabalhar como pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade”, respeitando, assim, o fato de diferentes formas de conhecimento e de comunicação contribuírem para gerar universos de concepções, na mesma proporção, diversificados. Isso traz à tona dois âmbitos (o consensual e o científico), que, quando encarados de forma antagônica, fazem com que se reproduzam discursos que reforçam a desautorização do pensamento “leigo”. Entretanto, a Teoria das Representações Sociais demonstra a eficácia de ambas as esferas para a vida humana. Definem-se essas duas esferas como, de um lado, o *universo reificado* e, de

outro, o *universo consensual*<sup>8</sup>. Nesse sentido, o *universo reificado*, ancorado na ciência, retrata a realidade como independente de nossa consciência, através de estilo e estrutura frios e abstratos. Já o *universo consensual* busca explicações para a “realidade” por meio das representações sociais, constituídas através do senso comum e da consciência coletiva. Logo, essas representações são variáveis e acessíveis às pessoas da esfera comum, da esfera não técnica.

Moscovici (1973) chamou a atenção para a importância do saber popular e cotidiano. Dessa forma, em uma revista de cunho divulgativo, tal qual a *Superinteressante*, é comum o tratamento de temas científicos à luz de concepções mais próximas do senso comum, tanto no que tange às estratégias de reelaboração do discurso quanto à perspectiva temática, como, por exemplo, os temas considerados tabu.

Para que efetivamente se “operacionalizasse” a proposta da Teoria das Representações Sociais<sup>9</sup>, foi necessário que Moscovici recorresse a outros teóricos, como Piaget, Lévy-Bruhl e Freud. Entretanto, o autor não concentrou a teoria em uma faixa etária infantil ou em povos distantes – como fizeram os autores citados –, mas trouxe a teoria para nossa sociedade e a aplicou à faixa adulta dela. Para tanto, Moscovici apresentou dois processos para tal sistematização: a objetivação – estruturação do conhecimento do objeto – e a ancoragem – sustentação do novo ao já dado, já conhecido, como forma de (re)conhecimento facilitado.

Nessa esteira, pode-se entender as representações sociais como um tipo de conhecimento que, ao mesmo tempo em que é

---

<sup>8</sup> Tomamos emprestados os termos *universo consensual* e *universo reificado* que foram usados na interpretação de Arruda (2003) para esquematizar a sistematização proposta por Moscovici (1973) de ruptura da fronteira entre os dois âmbitos a fim de que se reabilitem as reflexões do senso comum como forma de conhecimento.

<sup>9</sup> Arruda (2003) identifica um estágio incipiente da teoria como portadora de um “conceito pouco operacional”.

elaborado, é também compartilhado por determinado grupo social. Essa elaboração e esse compartilhamento objetivam um conhecimento menos abstrato e mais prático, edificando a realidade desse mesmo grupo social (JODELET, 2002).

Toda representação social tem como referente um objeto e um conteúdo, formulado por um sujeito social inserido em determinado espaço e tempo dotados de condições específicas. Jodelet (2002) identifica as condições de produção das representações como sendo a cultura; a comunicação; e a inscrição social, econômica, institucional, educacional e ideológica.

Destarte, dada sociedade, imbuída de preceitos culturais típicos de seu povo, reflete comportamentos em função de interpretações da realidade sobre o que convém e o que não convém ser feito, dito ou tocado, configurando, assim, representações sociais que emergem na comunicação e na inscrição social e institucional do grupo, acerca do tabu.

## **5 Uma particular representação social: o tabu**

A antropologia moderna nega o historicismo sob uma perspectiva linear, mesmo que se reconheça a importância de autores precursores em relação ao interesse sobre tabu, como, por exemplo, James Frazer<sup>10</sup>, que resgatou o conceito imprimindo-lhe destaque na antropologia vitoriana. Frazer é responsável pela observação da presença do tabu como objeto de temor e proibição em diversas culturas, à luz de preceitos que comumente são associados à ideia de sujeira, poluição e mácula.

---

<sup>10</sup> As publicações originais de Frazer são datadas do final do século XIX e início do XX, tais como *The Golden Bough; a Study in Magic and Religion* (1890); *Folk-Lore in the Old Testament* ("O folclore no Antigo Testamento", 1918); e *The Golden Bough* (edição resumida, 1922). A única tradução em português é *O Ramo de Ouro*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

Já à luz da antropologia moderna, Augras (1989) chama a atenção para o fato de a grande parte dos tabus terem justamente a função de “evitar perigos”, sendo as proibições e interdições concernentes a coisas sagradas ou poluentes. Em latim, a palavra *sacer* designava o que era sagrado e o que era maldito, impuro. Em nossa cultura moderna ocidental, a raiz da palavra designa apenas o sentido “positivo”<sup>11</sup>, fato que não abstém a instituição do tabu como originalmente ambivalente. Essa etimologia remonta ao berço da cultura ocidental e serve como argumento para Augras questionar a hipótese de Frazer de que as sociedades primitivas não teriam capacidade intelectual para distinguir o que é positivo do que é negativo. Segundo o autor, “[n]ão será o tabu algo tão universal, tão antigo, tão arraigado em nossos valores e costumes, que tanto faz ser polinésio ou europeu, todos se sentem ao mesmo tempo atraídos e amedrontados frente a ele?” (AUGRAS, 1989, p. 12-13).

A confusão entre sagrado e maldito, entre atraente e contagioso dos povos tidos como exóticos também chama a atenção de Freud. O autor não atribui tal ambivalência a uma incapacidade de raciocinar do selvagem, mas, ao contrário, compara o conflito com a sociedade de seu tempo, levantando a hipótese de que a ambivalência poderia ser inerente ao que mais prezamos.

Não obstante, Augras (1989) destaca que as observações feitas pelos autores do século XIX, quer sejam no nível da incapacidade intelectual do primitivo (Frazer), quer sejam no

---

<sup>11</sup> Chamadas aqui as palavras de “positivas”, por expressarem apenas o caráter sacro das designações, mas não o maldito ou o impuro. Definições de Houaiss (2004, p. 658) sobre algumas das derivações da raiz da palavra latina *sacer* podem ilustrar essa “positividade”: “sacerdócio *s.m.* 1 o ofício do sacerdote 2 a carreira eclesiástica 3 poder espiritual dos sacerdotes 4 *fig.* Missão honrosa, nobre ou sacrificada”; “sacerdote [*fem.*: sacerdotisa; freira] *s.m.* indivíduo responsável pela celebração de rituais sagrados de uma religião”.

nível da ambivalência afetiva (Freud), não dão conta de resolver a questão da duplicidade da instituição do tabu:

[A] razão pela qual a mulher costuma ser alvo de inúmeros tabus, em praticamente todos os grupos culturais [não reside no fato de ela ser] particularmente “suja” ou impura nem que ela encarne a projeção dos desejos incestuosos dirigidos à mãe, como julgava Freud. É que a mulher, por ser elemento de ligação entre dois grupos, pertence a ambos e, por conseguinte, situa-se na articulação de dois sistemas mutuamente excludentes (AUGRAS, 1989, p. 39).

A compreensão da duplicidade situa-se numa observância mais complexa do que as propostas de Frazer ou Freud. Para tanto, é necessário que se considerem características intrínsecas à espécie humana, tais como a capacidade de interpretar o mundo que a rodeia, através da criação de símbolos, categorias e conjuntos identitários. E, sob esse prisma, a mulher pode ser encarada como ser poderoso capaz de transitar entre diversas categorias que, inclusive, simbolizam conjuntos representados socialmente como incompatíveis.

Com efeito, quando há a referência à figura feminina, referencia-se o tabu, estreitamente associado à ambiguidade, contra cujo poder intrínseco há a necessidade de se proteger. Assim, destaca-se a posição marginal que a mulher ocupa em tantas culturas, por apresentar melhor que o homem a condição animal do ser humano.

Entretanto, quer sejam homens, quer sejam mulheres, o corpo humano expressa marcas associadas à natureza mais instintiva. Consoante Augras (1989, p. 41), “pelos técnicas corporais, pelas tatuagens, marcas tribais, enfeites, roupas, a cultura transforma esse corpo, dá-lhe significações próprias, valoriza certas partes, desdenha outras, impõe tabus de comportamento e de linguagem”.

Portanto, o próprio corpo humano é ambíguo e, por conseguinte, poderoso, pertencente a duas ordens: animal e humana. Em qualquer cultura, existem partes do corpo vistas como tabu, as quais devem ser escondidas e até evitadas de serem pronunciadas ou nomeadas. Nesse último caso, estamos diante de tabus linguísticos, visto que, se algo é interditado, o nome, a palavra ou a designação que lhe refere sofre as mesmas consequências (GUÉRIOS, 1979).

Em nossa cultura, destacamos as genitálias, que são tratadas ou por meio de termos técnicos, numa nomenclatura médica, ou por meio de termos que expressam representações simbólicas, como os eufemismos que buscam atenuar a carga do tabu, passando por termos jocosos em relação à sexualidade, indo até as palavras consideradas chulas, pela intenção pejorativa do enunciador.

A visão de Augras (1989) sobre a forte associação do tabu às genitálias deve-se ao fato de serem os órgãos sexuais responsáveis pela ligação entre os opostos, estabelecendo elos diretos entre indivíduos. Então, por corroborarem a ideia de “duplo domínio”, são objetos de tabu. Nesse sentido, não é apenas o corpo da mulher ou aspectos sexuais que geram tabu, mas tudo aquilo que, pela ambiguidade, representa o poder.

## **6 A notícia em análise**

### **6.1 Caracterização geral do texto**

Na notícia *O ponto G existe?*, constante da seção *Saúde*, o jornalista Juan Torres discorre, através da exposição de resultados de pesquisas, sobre a existência do “ponto G”. Ao final da notícia, o jornalista apresenta, de forma sintética, algumas questões objetivas sobre a região, (in)formando sobre como, de fato, encontrá-la.

A informação a ser divulgada pode ser considerada um tabu, já que envolve questões atreladas a uma região pouco discutida sob o ponto de vista científico, tornando-se, muitas vezes, uma discussão relegada a especulações do senso comum, o que contribui para a concepção do “ponto G” sob o viés mítico. Não obstante, não se evidenciam, na notícia, tentativas eufêmicas em relação ao tema, ao contrário, jogos de palavras e o caráter jocoso atribuído à informação pelo jornalista são utilizados com vistas a despertar o interesse do leitor. Essa constituição do caricato é muito frequente na revista e, nesse texto em questão, é explicitado, logo de início, em uma espécie de título prévio muito comum às reportagens da *Superinteressante*. Através desse recurso, o jornalista traz a seguinte colocação antecessora do título: “Acerte o alvo”. No emprego dessa construção, fica patente o sarcasmo assinalado pela vulgarização do ato sexual, no momento em que se relaciona “a busca pelo ponto G” a um “jogo” para o qual é necessário contar com a “boa pontaria” do parceiro. Na constituição desse “jogo” de sentidos, o leitor é levado a construir uma representação acerca do “mítico” ponto G. Afinal, “Acerte o alvo” está relacionado à ideia de atingir determinado resultado, ou cumprir determinado objetivo de forma satisfatória<sup>12</sup>. Nesse sentido, o “conselho” de “acertar o alvo” implica a construção de uma imagem por parte do homem que conseguir atingir seu objetivo de forma eficiente com a parceira, satisfazendo, assim, a mulher.

Levando em consideração o tipo de informação veiculado nessa notícia, embora seja abordada uma questão que, a princípio, esteja diretamente ligada ao universo feminino, o

---

<sup>12</sup> Vale destacar outra expressão do senso comum com significado equivalente a “acertar o alvo”, designadamente “dar uma dentro”. Essa expressão também é conformada através de um caráter tabu, haja vista o fato de o duplo sentido da expressão também estar relacionado a uma questão sexual.

texto parece ser dirigido principalmente ao público masculino. Nas expressões fáticas como “acerte o alvo” e vá “direto ao ponto”, aparentemente, a intenção é a de oferecer ditames acerca de como levar a parceira ao prazer, representando, inclusive, uma cultura da objetividade, em que ir “direto ao ponto” torna-se um objetivo perseguido: nomeadamente o da busca do prazer sem dificuldades.

O texto injuntivo, complementar à notícia, corrobora essa hipótese acerca dos meios facilitadores para se conseguir o prazer e, conseqüentemente, a construção de imagem enquanto homem.

Com relação ao título da notícia, sua estruturação se dá em forma de pergunta retórica: “O ponto G existe?”, cuja resposta encontra-se como primeira palavra do *lead*: “Sim”. Eximindo-se da responsabilidade da resposta categórica, o jornalista sinaliza que esta é a conclusão à qual um estudo feito por pesquisadores chegou. Modalizado por meio da expressão “pelo menos”, o jornalista expõe a fonte do estudo da seguinte forma:

(1) Sim. Pelo menos foi o que concluiu um estudo realizado por uma equipe da Universidade de L’Aquila, na Itália, e publicado em fevereiro no *Journal of Sexual Medicine*.

Observam-se em (1) dados relevantes em termos de credibilidade científica, atribuída à evocação do nome da instituição e a publicação do estudo em periódico especializado. Informações sobre o contexto das pesquisas científicas, como “quem publicou?”, “de qual instituição?” e “em qual periódico?” conferem à divulgação na mídia impressa um caráter verossímil – os detalhes, bem como a constituição de um texto com informações sobre a pesquisa, aferem credibilidade ao discurso. Em relação a “quem publicou a pesquisa” sobre o ponto G, o jornalista mencionou o nome do principal pesquisador do grupo, no primeiro parágrafo do texto:

(2) Os pesquisadores, liderados pelo ginecologista Emmanuele Jannini, estudaram um grupo de 20 mulheres – 9 delas diziam já ter tido orgasmos vaginais, as outras 11 não.

Em (2), parte dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa foi apresentada – como o número de mulheres que participaram da pesquisa e o resultado geral e quantitativo da análise –, para, no parágrafo seguinte, serem divulgados os resultados qualitativos:

(3) Nas 9 primeiras, uma ultra-sonografia detectou um espessamento no tecido uretrovaginal (ver infográfico)<sup>13</sup>, imediatamente associado ao ponto G. Essa região, descrita na década de 1950, nunca havia sido visualizada com clareza. “É o fim das opiniões e o começo da ciência. Agora é possível estudar o assunto com um método muito simples”, disse Jannini, por e-mail, à SUPER. Para ele, o ponto G é uma estrutura congênita que determina a capacidade da mulher de ter orgasmos sem a estimulação do clitóris.

Ao apresentar os resultados do estudo feito pelo grupo de pesquisadores, o jornalista garante a progressão textual de informação, subsidiada pela apresentação de outra pesquisa, conforme em (4):

(4) Mas a comunidade científica é um pouco mais cautelosa. Beverly Whipple, neurofisiologista da Universidade de Rutgers, em Nova Jersey, e uma das responsáveis pelo estudo que deu o apelido à região, concorda que o ponto G existe, mas não acha que ele seja condição para o orgasmo vaginal. E mais: acredita que todas as mulheres tenham ponto G, mas que o espessamento do tecido possa ser consequência de estímulos sexuais mais frequentes ou eficientes. Para tirar a dúvida, seria preciso fazer o exame antes e depois de provocar esse estímulo. “Hoje, o que podemos afirmar com certeza é que há uma área sensível na parede frontal interna da vagina que incha e produz uma sensação analgésica quando estimulada”, diz Whipple.

---

<sup>13</sup> Não foram anexadas no trabalho informações iconográficas, já que a análise icônica não se configura como objetivo deste artigo.

Portanto, a partir da apresentação dos resultados da primeira pesquisa, o jornalista já destaca divergências acadêmicas entre especialistas, fazendo uso dessas informações para introduzir o ponto de vista de outra pesquisadora. Vale ressaltar que o *status* atribuído à pesquisadora refere-se ao fato de ela também pertencer a uma universidade (Universidade de Rutgers, em Nova Jersey) e ser uma das responsáveis por ter intitulado a região com o “apelido” de “ponto G” – fato que a coloca como uma autoridade no assunto, mesmo que a partir do relato de uma atitude que remete ao corriqueiro, como “apelidar” algo.

Vale ressaltar que as opiniões de cientistas diferentes, expostas pelo jornalista, são divergentes. Na construção de um texto de divulgação científica, a contraposição de fontes demonstra o caráter flexível da informação. Sobretudo em uma notícia cuja temática não parece ser discussão pacífica, as análises em certos pontos discordantes ratificam o caráter mítico sobre a concepção do ponto G. Podemos observar que o título prévio (“Acerte o Alvo”) e o título propriamente dito (“O ponto G existe?”) não são direcionados a uma mesma linha argumentativa. O título prévio prevê a existência do ponto G, enquanto o título dá início à notícia, em forma de pergunta, de suposição.

Por fim, a segunda, e última, parte do texto, intitulada “Direto ao ponto”, com o subtítulo “Encontrar a região não garante prazer, mas não custa tentar”, aparece como indício de que a próxima discussão a ser apresentada estará configurada como um texto do tipo injuntivo.

Vale observar que “ir direto ao ponto”, possivelmente, remete a reflexões que serão expostas de forma objetiva, já que a expressão é corriqueiramente utilizada como esse sentido: discutir determinado assunto sem devaneios ou digressões. Não obstante, podemos, ainda, destacar que essa construção

comporta a ideia de fugir a concepções sociais atreladas ao princípio de delicadeza. Assim, sem eufemismos ou discursos modalizados, a informação será exposta de forma direta, mesmo que o tema em questão seja considerado tabu, haja vista seu caráter pouco discutido ou pouco consensual na comunidade científica.

Entretanto, qualquer que seja a intenção do jornalista na escolha dessa expressão, o que fica claro é que a construção é ambígua. As leituras possíveis vão desde a tentativa de exposição de um texto objetivo, “direto ao ponto”, até a referência explícita ao tema, habilitada pela elipse de “G”, em “ir direto ao ponto”. Nas duas leituras, porém, a expectativa é de um didatismo na (in)formação oferecida ao leitor para descobrir a localização da região, conforme (5):

(5) Encontrar a região não garante prazer, mas não custa tentar

Mesmo que nada tenha sido garantido, em termos da relação entre prazer e a localização do ponto G, pelos dois pesquisadores mencionados no texto, pela conduta editorial da revista de fomentar a curiosidade dos leitores, a notícia não deixou de trazer algumas informações sobre o procedimento para encontrar o ponto G. Esse procedimento constitui o texto complementar à notícia, em um texto instrutivo à parte, intitulada “Direto ao ponto”.

Como se espera de um texto injuntivo, realizado em gêneros como receituários, os passos aparecem numerados para melhor organizar as informações.

Entretanto, apenas as duas primeiras informações são, de fato, instrucionais, ou seja, indicam ao leitor como este deve proceder para obter determinado resultado, através de dados precisos:

- (6) 1. O ponto G fica a cerca de 5 cm da entrada da vagina, mais exatamente entre a vagina e a uretra.
2. Você pode sentir com o dedo: é uma protuberância meio rugosa na parte superior da vagina (como se você estivesse indo ao encontro do abdômen).

Já os outros itens apresentam características técnicas que pouco, ou nada, auxiliariam a encontrar a região, descrevendo, simplesmente, o local:

- (7) 3. O tecido se assemelha ao da vulva e do pênis e é cheio de glândulas e terminações nervosas. Segundo algumas teorias, se a mulher tivesse nascido homem, essa região evoluiria para a próstata.
4. O local libera a PDES, uma enzima que, nos homens, processa o óxido nítrico e estimula a ereção.

## **6.2 Procedimentos linguístico-discursivos de *expansão*, *variação* e *redução***

Identificaremos os procedimentos discursivos – *expansão*, *variação* e *redução* – presentes no processo de divulgação do conhecimento científico na notícia em análise.

### **a) Procedimento de *expansão***

#### **a1) Definição**

O procedimento linguístico-discursivo de *expansão* realiza-se em alguns momentos através de *definições*, como se observa em (8):

- (8) Para ele [o ginecologista Emmanuele Jannini], o ponto G é uma estrutura congênita que determina a capacidade da mulher de ter orgasmos sem a estimulação do clitóris.

Podemos observar que, em (8), a *definição* está atrelada ao discurso de uma autoridade na área, por meio de uma conformação prototípica da definição: a utilização do verbo “ser” em “o ponto G é” e de termos específicos, como “estrutura congênita”.

Através do confronto entre dois especialistas, o jornalista traz, por meio de discurso direto, outra definição para o ponto G que pode ser considerada confiável no atual estágio das pesquisas:

(9) “Hoje, o que podemos afirmar com certeza é que há uma área sensível na parede frontal interna da vagina que incha e produz uma sensação analgésica quando estimulada”, diz Whipple.

Dessa forma, expressões como “podemos afirmar” e “com certeza” representam um conhecimento irrefragável com relação à existência de uma região “na parede frontal interna da vagina que incha e produz uma sensação analgésica quando estimulada”, quer isso seja ou não o mítico ponto G.

Outra definição, que registramos na notícia, refere-se ao texto complementar dedicado à suposta instrução para encontrá-lo:

(10) [O ponto G] é uma protuberância meio rugosa na parte superior da vagina (como se você estivesse indo ao encontro do abdômen).

Observa-se, em (10), a tentativa de se expor de forma didática a localização tátil do ponto G. Para tanto, o jornalista utiliza-se de informações que caracterizam a região, bem como uma descrição das coordenadas espaciais em forma de suposição – explicitada pela construção “como se” –, situada entre os parênteses, que contribui para a constituição da *definição*.

O último caso de definição pode ser visualizado em (10), em que se explica uma sigla técnica, com a qual, provavelmente, o leitor leigo não estaria familiarizado:

(11) O local libera a PDES, uma enzima que, nos homens, processa o óxido nítrico e estimula a ereção.

Pode-se perceber que a definição “enzima que [...] processa o óxido nítrico” pouco contribui para o esclarecimento de “PDES”. Entretanto, “estimulação de ereção” é um conhecimento tácito entre os leitores, facilitando a compreensão acerca da enzima.

Assim, pudemos observar a presença de alguns casos de *definição* na notícia, ora descrevendo verbalmente o conteúdo de um conceito, ora fornecendo instruções de como encontrar o que estava sendo definido.

Na esteira desses termos técnicos, vale à pena ressaltar outro caso de expansão visualizado no texto: a *analogia*.

## **a2) Analogia**

A analogia é uma importante estratégia divulgativa, já que facilita a compreensão dos leitores, uma vez que os conceitos abstratos são comparados a aspectos mais próximos da realidade do público leigo. Observemos, a seguir, dois casos de analogias encontradas no texto:

(12) O tecido se assemelha ao da vulva e do pênis e é cheio de glândulas e terminações nervosas.

(13) Segundo algumas teorias, se a mulher tivesse nascido homem, essa região evoluiria para a próstata.

Vale lembrar que esses trechos foram extraídos do item 3 do texto complementar sobre a instrução de como encontrar a

região do ponto G. Evidencia-se que as informações como seu “tecido [...] é cheio de terminações nervosas” ou “se a mulher tivesse nascido homem, essa região evoluiria para a próstata” em nada contribuem para, deveras, encontrar o ponto G. Ao contrário, além de auxiliarem o leitor para a compreensão acerca da anatomia da região, demonstram uma questão arraigada em nossa cultura: o homem é tomado como ponto de partida para, inclusive, promover-se o entendimento sobre a mulher – isso fica patente na evocação de expressões como “pênis” em (12) e “próstata” em (13).

#### **b) Procedimento de *variação***

Uma série de *variações* é registrada no texto para o termo em discussão: o ponto G. O próprio termo “ponto G” ocorre cinco vezes no texto. Sua *variação* mais recorrente, “região”, quatro vezes. No entanto, é necessário que se destaque que essa recorrência está relacionada à estratégia de coesão lexical. Uma vez que a expressão é o tema da notícia, naturalmente haveria uma recorrência do termo.

No que se refere efetivamente às estratégias divulgativas, destaca-se a expressão “o ponto” em “Direto ao ponto” que, assim como tivemos oportunidade de analisar anteriormente, pela estruturação a partir da elipse, possibilita outras leituras que não são relacionadas apenas ao ponto G.

Ainda conforme mencionamos, vale destacar a informação que antecede o título. No título prévio “Acerte o alvo”, a palavra “alvo” refere-se jocosamente ao “ponto G”. É importante que se ressalte a locação dessas expressões, tanto em “Direto ao ponto” quanto em “Acerte o alvo”, as quais se encontram em posição de destaque em relação ao restante do texto. Essas construções cômicas e de duplo sentido auxiliam a alcançar o público pelo viés da curiosidade.

De forma metalinguística, o jornalista, ao identificar a pesquisadora Beverly Whipple, atribui à expressão “ponto G” o estatuto de “apelido”.

No que se refere à divulgação dos estudos científicos, “ponto G” aparece sob diversas *variações* de caráter técnico, como: “espessamento no tecido uretrovaginal”; “Estrutura congênita”; e “área sensível na parede frontal interna da vagina que incha e produz uma sensação analgésica quando estimulada”.

Assim, podemos observar que, em relação ao procedimento de *variação*, o jornalista apresenta as informações divulgativas a partir da seleção lexical, levando em conta não só a transformação do vocabulário científico em vocabulário corrente, mas um léxico de duplo sentido atrelado ao tom chistoso inerente à *Superinteressante*.

### **c) Procedimento de *redução***

Em termos de *redução* do conhecimento de caráter científico, destacamos a afirmação do ginecologista Jannini, que remete a discussões mais amplas sobre o tema, embora tenha sido expressa de forma sintética:

(14) “É o fim das opiniões e o começo da ciência. Agora é possível estudar o assunto com um método muito simples”.

Para tal afirmação, fora necessário que o jornalista esclarecesse previamente sobre a carência de descrições científicas acerca do ponto G. Assim, podemos destacar da afirmação do pesquisador que os fatos agora indicados acerca do tema não são mais apenas suposições relegadas ao senso comum, mas sim discussões que ganharam o status de estudo científico.

Outro ponto relevante no que tange às informações reduzidas para finalidade divulgativa está relacionado à expressão “orgasmo vaginal”, a qual ocorre por duas vezes no texto, sem esclarecimentos acerca do que isso pudesse significar. A suposição seria de que a extensão “vaginal”, associada ao termo “orgasmo”, pode estar sendo empregada em oposição a “orgasmo masculino”, embora um texto cuja temática gira em torno de questões relativas ao “ponto G” não parece gerar dúvidas em relação a qual tipo de orgasmo está em pauta. Assim sendo, não há como extrair conclusões absolutas acerca do significado da expressão.

## **7 Considerações finais**

A partir da análise que realizamos em torno do processo de recontextualização do discurso sobre ciência na notícia *O ponto G existe?* publicada na *Superinteressante*, pudemos identificar, no tratamento linguístico-discursivo de informações sobre um tema considerado tabu, as estratégias linguístico-discursivas por meio das quais a revista reelabora seu discurso destinado ao público geral e jovem. Foi possível, ainda, depreender de seu discurso, através do tema relacionado a questões sexuais que representam o homem e a mulher, o tratamento exposto pela revista: a constituição de textos que consideram o eixo de comparação acerca do universo masculino a partir do universo feminino e vice-versa.

Pode-se perceber que, embora o texto analisado se revista da intenção de desmitificar o senso comum, a *Superinteressante* (re)produz representações sociais em nossa sociedade contemporânea ocidental. Isso ocorre quer seja por uma questão mercadológica, no intuito de atrair o público consumidor – os jovens –, quer seja por mera dificuldade de desvinculação do senso comum; a *Superinteressante*, dessa

forma, aproxima-se do discurso geral e, mais especificamente, do universo jovem.

Podemos constatar que a revista promove a aproximação entre a informação técnico-científica e as concepções típicas das relações sociais habituais, divulgando e, ao mesmo tempo, fomentando a curiosidade em relação ao conhecimento que envolve os aspectos sexuais humanos.

Nesse sentido, observamos que o tema em questão, relativo ao ponto G, é concebido no espaço ideológico da revista por meio de matizes jocosas, ou seja, um tema que comumente poderia ser encarado sob o viés do interdito, na revista *Superinteressante*, reflete as características de seu público leitor: a subversão dos valores tidos como tabu, frequentemente abordados com finalidade chistosa no grupo social dos jovens.

Fatos comuns do cotidiano adolescente ou mesmo questões e dúvidas importantes ligadas ao universo jovem, que em geral não são claramente discutidas por seu caráter tabu, são recriadas a partir de uma linguagem em que prevalece o humor, a criatividade, as associações inusitadas e a coloquialidade.

As estratégias de reelaboração tecidas pela revista tangem desde o intercâmbio de registro até a modalização e a adaptação do discurso, mesmo que isso não tenha a finalidade de ponderar acerca dos impactos que poderiam causar uma informação de caráter interdito em determinadas convenções sociais, mas sim de propiciar um efeito perturbador contrário.

Em termos de estratégias linguístico-discursivas, observamos que o procedimento de *expansão* foi empregado no sentido de responder a questões associadas à existência do ponto G, bem como suas relações com o orgasmo. Para tanto, o jornalista explicita resultados de pesquisas desenvolvidas por especialistas no assunto. No que tange ao procedimento de *variação*, as expressões que mais chamam atenção são aquelas

que geram propositalmente mais de uma interpretação, como “Acerte o alvo” e “Direto ao ponto”. Essas ambiguidades provocam humor no texto, facilitando a adesão do público jovem. O procedimento de *redução*, nos casos que foram registrados no texto, ora sintetiza informações complexas, ora abstém o jornalista de fornecer esclarecimentos amplos sobre determinada questão.

Assim, a revista *Superinteressante* caracteriza-se como um campo fértil para a análise das estratégias divulgativas, já que atrai, inclusive pelas escolhas temáticas, a curiosidade dos leitores. Imbuída de um tema excêntrico, a revista consegue angariar um público jovem interessado em discussões polêmicas relacionadas ao seu universo.

Nesse sentido, a revista evidencia-se como um importante veículo de (in)formação para o público jovem e, ao mesmo tempo, de identificação com ele por reproduzir seu comportamento linguístico, ou melhor, reproduzir sua prática discursiva, muitas vezes inusitada, em suas reportagens. Se o jovem se comporta de forma excêntrica, a *Superinteressante* empenha-se em despertar o interesse desse público através de textos bem-humorados, criativos e com engraçadas associações ao cotidiano do leitor, abordando a temática tabu de modo a subvertê-la, ou simplesmente de modo a corroborar, embora não de maneira ortodoxa, com sua mitificação nesse eminente veículo midiático.

### **Referências Bibliográficas**

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), Campinas, SP, v. 117, p. 127-147, 2003.

AUGRAS, M. **O que é tabu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CALSAMIGLIA, H.; CASSANY, D. Voces y conceptos en la divulgación científica. **Revista Argentina de Linguística**, Argentina, v. 11-15, p. 173-208, 1999.

CATALDI, C. **Los transgénicos en la prensa española**: una propuesta de análisis discursivo. Tese de Doutorado. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2003. 409 p.

\_\_\_\_\_. A divulgação da ciência na mídia: um enfoque discursivo. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa, MG: Editora UFV, 2007a, p. 155-164.

\_\_\_\_\_. Análise discursiva da denominação utilizada na mídia impressa para representar e divulgar o conhecimento sobre planta transgênica. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa, MG: Editora UFV, 2007b, p. 193-209.

\_\_\_\_\_. A ciência na mídia impressa: a divulgação debate sobre transgênico. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. **Práticas discursivas: construindo identidades na diversidade**. Viçosa, MG: UFV, Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLet, 2009, p. 43-63.

CIAPUSCIO, G. Linguística y divulgación de ciencia. **Quark**, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, p.19-28, 1997.

FRAZER, J. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

FREUD. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus linguísticos**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Mini dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image, son public**. Paris: PUF, 1961.

\_\_\_\_\_. Le grand schisme. *Revue Internationale de Sciences Sociales*, v. 25, n. 4, p. 479-490, 1973.

NOCCIOLI, C. A. M. **Análise das estratégias linguístico-discursivas na divulgação de temas tabu na Revista Superinteressante**. Dissertação de Mestrado. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2010. 145p.

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze the linguistic and discursive treatment of information concerning a thematic topic traditionally seen as taboo related to sexual issues, in the news report “*O ponto G existe?*”<sup>14</sup>, published in 2008, in the Brazilian magazine *Superinteressante*; highlighting how the knowledge at hand is socially represented considering the magazine editorial line. The report is characterized as a fertile field to the analysis of dissemination strategies, since it attracts, including by thematic choices, the curiosity of readers. Imbued with an eccentric theme, the text manages to gain a young audience interested in controversial discussions that are related to their universe.

**KEY WORDS:** Scientific Dissemination; Social Representations; Taboo; *Superinteressante*.

---

<sup>14</sup> “Does the G-spot exist?”